

Tão perto, tão longe (Razões e significados de um dossiê)

Sergio Nunes Pereira



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/325>
ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Edição impressa

Data de publicação: 1 janeiro 2001
ISSN: 1519-1265

Refêrencia eletrónica

Sergio Nunes Pereira, « Tão perto, tão longe », *Terra Brasilis* [Online], 3 | 2001, posto online no dia 05 novembro 2012, consultado o 14 novembro 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/325>

Este documento foi criado de forma automática no dia 14 novembro 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Tão perto, tão longe

(Razões e significados de um dossiê)

Sergio Nunes Pereira

- 1 Em artigos publicados anteriormente em Terra Brasilis e, de modo talvez mais explícito, em seus editoriais, chamou-se a atenção para a centralidade da geografia no desenvolvimento histórico brasileiro e para o enraizamento de referenciais geográficos no imaginário social do país. Dada a preocupação da revista em consolidar a história do pensamento geográfico como área de pesquisa no âmbito disciplinar, é compreensível que o tema tenha aparecido de forma recorrente em suas páginas. Tal ênfase, no entanto, embora tenha sua legitimidade, não deve alimentar a impressão de uma "excepcionalidade brasileira" quanto a esta questão. A importância da geografia e das representações geográficas nos processos de formação do Estado e da sociedade certamente não constitui uma exclusividade de nossa experiência histórica, podendo também ser reivindicada com relação a outros contextos nacionais.
- 2 Um panorama sobre a trajetória do saber geográfico em alguns países latino-americanos, como o que aqui se apresenta, pode oferecer parâmetros interessantes para se pensar a questão. Ele permite não apenas ampliar o horizonte cultural da história da geografia no Brasil como também compreendê-la mais profundamente, pelo recurso da comparação. E esta, acredita-se, ganha maior consistência quando baseada em critérios de proximidade histórica, como a existente entre o Brasil e os países em questão.
- 3 As sociedades latino-americanas e a brasileira são semelhantes no que se refere à origem colonial e à condição periférica, marcos a partir dos quais foram definidos historicamente alguns problemas e desafios comuns: a preocupação em construir uma identidade nacional distinta das antigas metrópoles e dos países vizinhos (com os quais freqüentemente mantinham relações conflituosas); a tentativa de implementar projetos de modernização que permitissem acompanhar as transformações econômicas e tecnológicas verificadas nos centros hegemônicos do capitalismo; e, em decorrência dos itens anteriores, a pretensão de reformular as bases da cultura nacional, através de programas educacionais e da criação de instituições científicas e culturais.

- 4 A busca de soluções para tais problemas e desafios assumiu formas concretas distintas, porém, como já foi destacado em algumas contribuições em história das ciências, guarda geralmente uma estreita relação com a organização do campo do conhecimento nesses países. Dentro deste quadro, paradoxalmente, o saber geográfico ocupa um lugar tão importante quanto ainda obscuro, tendo em vista a ambigüidade e a pluralidade de funções que foi capaz de abarcar para fazer frente ao conjunto de tarefas acima mencionado - ensino público, propaganda oficial, reconhecimento do território e inventário pragmático de seus recursos, para citar apenas alguns exemplos.
- 5 O desenvolvimento deste saber (ou saberes, como seria mais apropriado dizer) não seguiu uma linha uniforme nas nações latino-americanas, como se poderá constatar no material selecionado, tendo na realidade percorrido rumos diferentes em função de circunstâncias históricas nacionais e locais. Não seria o caso, nesta breve apresentação, de tentar elencar tais diferenças, ou então, seguindo um caminho inverso, buscar traços comuns capazes de configurar um "padrão latino-americano" para as idéias e as práticas geográficas. Ao invés disso, optou-se por conferir a este dossiê sobretudo um sentido metodológico, utilizando-o de modo a problematizar algumas interpretações correntes em história do pensamento geográfico. Deste modo, procura-se ir ao encontro de certas preocupações já manifestadas em Terra Brasilis e alguns trabalhos acadêmicos, que tentam redesenhar a historiografia da nossa disciplina.
- 6 Levando em conta tais preocupações e o conteúdo dos textos aqui reunidos, algumas questões de certo alcance podem ser levantadas, na expectativa de que possam servir como parâmetro para discussões e investigações na área. A primeira delas refere-se às condições através das quais são desenvolvidas as idéias geográficas - produzidas originalmente na Europa - em âmbitos culturais periféricos. Trata-se de um tema já trabalhado por Lia Machado (1995 e 2000), que recebe nova atenção nas páginas que se seguem. Conforme nos ensina a autora, teria predominado uma assimilação seletiva das teorias geográficas européias pelo pensamento social brasileiro, que, atuando de modo pragmático, "decompôs matrizes de pensamento, selecio[nando] o que considerava 'adaptável' ao país" (Machado, 1995: 348). O mesmo tipo de conduta parece ter sido a tônica na América Latina, como evidenciam Claudia Barros e Perla Zusman para o caso argentino. Segundo a primeira autora, uma determinada tradição de antropogeografia desenvolveu-se em Buenos Aires no início do século XX, dotada de características próprias e baseada apenas parcialmente nas idéias de Ratzel. Já a segunda autora, ao analisar o projeto disciplinar hegemônico nas décadas seguintes no país, demonstra que este não hesitou em conciliar uma orientação científicista e naturalista de inspiração inglesa (marcadamente evolucionista e cosmopolita) com uma orientação baseada no espiritualismo filosófico (que enfatizava, por sua vez, a defesa dos 'valores nacionais').
- 7 Ainda dentro desta questão, convém destacar que as características particulares assumidas pela geografia desenvolvida na América Latina não se restringiram ao campo estritamente disciplinar (acadêmico e escolar), podendo igualmente ser estendidas para o âmbito das chamadas sociedades geográficas, voltadas para a exploração e para a coleta de informações sobre o território. Originadas na Europa em meados do século XIX, tais associações não tardaram a surgir também no mundo latinoamericano, chegando a atingir meia centena em 1939 (Capel, 1993: 417). Mesmo que não se possa negar a influência de um modelo institucional europeu atuando na formação das associações de "além-mar", seria preciso acrescentar que estas foram criadas para atender expectativas e interesses das elites intelectuais e políticas nacionais, como fica

patente no texto de Leoncio López Ocón sobre a Sociedade Geográfica de Lima. Também através deste exemplo, conforme nos indica o autor, ficaria evidenciado que as elites latino-americanas lograram desempenhar um papel ativo na organização de programas de conhecimento e iniciativas científicas, contrariando a imagem clássica de "colonialismo cultural" que pesa sobre o continente.

- 8 Outro aspecto relevante implícito nos textos, que já estava a merecer há tempos uma reflexão mais cuidadosa, é o tema da institucionalização do saber geográfico. Seria necessário reconhecer, de imediato, que uma certa "oficialidade" ainda presente nos modos de se fazer a história da geografia no Brasil (inclusive em suas versões críticas) tem contribuído para cristalizar uma perspectiva segundo a qual a institucionalização desta área do conhecimento só teria se verificado na década de 1930, com a criação dos cursos universitários e órgãos técnico-administrativos governamentais. Tem sido uma meta de *Terra Brasilis*, desde seu primeiro número, redimensionar esta interpretação, dedicando a maior parte de sua programação ao pensamento geográfico anterior a 1930 e propondo, em alguns artigos, uma visão mais matizada da questão¹.
- 9 A presença, neste dossiê, de contribuições que enfatizam justamente vias não acadêmicas de institucionalização da geografia só vem reforçar o esforço empreendido. Neste caso, além do texto sobre a Sociedade Geográfica de Lima já mencionado, cabe destacar sobretudo o artigo de Héctor Mendoza Vargas sobre os engenheiros geógrafos mexicanos. O interesse na trajetória desses profissionais consiste no fato de eles terem sido oficialmente identificados, no México recém-independente, como portadores do saber geográfico destinado a promover o conhecimento do território e desempenhar tarefas de administração pública para o novo Estado. Como mostra o autor, problemas como a legibilidade, a valorização e a ocupação do território nacional representavam desafios a serem vencidos e requeriam especialistas para sua solução, que, em virtude das habilitações exigidas para o cargo, recebiam sua formação não na Universidade do México (centro tradicional dos estudos superiores no país), mas em âmbitos específicos ligados à tradição de engenharia. Trata-se, portanto, de um tipo de saber geográfico que desenvolveu o seu próprio caminho de institucionalização e profissionalização.
- 10 Com o exemplo pretende-se não tanto reivindicar um lugar para os engenheiros geógrafos na história da geografia, mas sobretudo esclarecer alguns aspectos da mesma, através do conhecimento da trajetória - nem sempre afortunada - desses profissionais. No caso mexicano, seu insucesso em obter o monopólio dos serviços geográficos, entre outras desventuras, permite trazer à tona os embates que marcaram o processo de institucionalização da disciplina (o saber oficializado como "geografia"). Este processo caracterizou-se pela disputa entre corporações em busca de legitimação social para seus saberes, possuindo, assim, um componente extracientífico que não teria se esgotado no momento "pré-disciplinar". Ao contrário: os espaços acadêmicos abertos à geografia no início do século XX logo se apresentariam como arenas privilegiadas de estratégias institucionais, como demonstram os textos já citados de Claudia Barros e Perla Zusman.
- 11 O interesse das autoras é evidenciar como tais estratégias - apoiadas em redes políticas articuladas na esfera acadêmica e fora dela - atuaram na formação do campo disciplinar na Argentina. Contextualiza-se, aqui, a tese de Horacio Capel (1977) de que a institucionalização da geografia explicaria a evolução epistemológica da disciplina, definindo suas concepções e conteúdos. Perla Zusman retoma o tema a partir de uma análise do papel desempenhado por Elina Correa Morales e a GAEA (instituição por ela

presidida) na construção de um perfil naturalista para o ensino secundário de geografia, forçando uma mudança na formação em história e humanidades do professorado. Examinando a constituição do primeiro espaço universitário da geografia naquele país, no interior da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, Claudia Barros constata o mesmo "desvio" com relação à história, só que desta vez não em benefício das ciências naturais. Neste caso, as relações pessoais e institucionais do principal mentor da Seção de Geografia ali constituída, Feliz Outes, levaram a uma aproximação com a antropologia e a arqueologia, originando toda uma fundamentação teórico-metodológica para o conhecimento geográfico que corrobora a tese de Capel.

- 12 Encerrando o conjunto de questões suscitadas pelo material aqui apresentado, vale destacar ainda a posição da geografia como campo de representações nacionalistas e, ao mesmo tempo, de concepções universalistas relacionadas à ideologia do progresso, o que não implicaria em contradição (Machado, 1995). Os vínculos entre nacionalismo e geografia são bem conhecidos e documentados na historiografia da disciplina, sendo praticamente consensual a opinião de que esta área do saber desenvolveu-se à sombra do Estado, e que sua institucionalização correspondeu a uma extensão do controle deste último sobre o território e a sociedade, através da legitimação científica do discurso territorial (Escolar, 1996). Em tais circunstâncias, entende-se que os aparelhos do saber geográfico tenham se constituído em decorrência de um certo impulso nacionalista, o que transparece nos textos através de exemplos como os seguintes: a organização da engenharia geográfica no México recém-independente, visando embasar tecnicamente o projeto de modernização dos liberais para o país; o surgimento da Sociedade Geográfica de Lima num contexto de "reconstrução nacional" no Peru, logo após a derrota na guerra contra o Chile (1879-83); e os estreitos laços estabelecidos, na Argentina, entre a GAEA e o Ministério da Instrução Pública do Governo Alvear (1922-28), a ponto deste último ter elevado a instituição à condição de "porta-voz" oficial da geografia no país.
- 13 Mas os textos não param aí. Numa época em que a geografia, segundo a opinião de alguns homens eminentes, havia se transformado na "mais cosmopolita de todas as ciências" (lord Curzon² citado por Said, 1990:221), era de se esperar que a perspectiva nacional se alimentasse também da preocupação em acompanhar o sentido "universal" do progresso, entendido como modernização econômica e desenvolvimento científico. É o que se pode perceber, por exemplo, no intento da Sociedade Geográfica de Lima de estabelecer uma rede de contatos que a capacitasse para uma cooperação científica internacional, como mostra López Ocón. Através deste intercâmbio as elites intelectuais peruanas pretendiam prestar sua contribuição para a "ciência universal", emitindo sinais aos países estrangeiros de seu potencial para gerar conhecimento próprio. Tratava-se, segundo a expressão de Capel (1993:412), de um "efeito demonstração". Daí, portanto, que associativismo científico e objetivos nacionalistas não estivessem em discordância.
- 14 Este seria também o sentido geral que iria nortear algumas propostas no campo educacional, como no caso estudado por Perla Zusman. Escrevendo manuais escolares e livros educativos nas primeiras décadas do século XX, Elina Correa Morales procurava integrar tradição nacional e progresso na descrição da paisagem argentina, como se nota no seguinte trecho da autora sobre o pampa: "trepidava outrora sob os cascos dos potros indígenas, trepada hoje sob as rodas da locomotiva". Mais que uma bela imagem,

o exemplo oferece uma síntese precisa das duas perspectivas que animavam a intelectual argentina. Estas, ao enfatizarem 'valores nacionais' e 'marcha do progresso', de forma não antagonica, expressam também a última questão aqui discutida.

- 15 Acredita-se que este dossiê possa compor um painel representativo do saber geográfico desenvolvido em âmbito latino-americano, dando mostras de sua variedade, sutilezas e pretensões. Certamente há muito a ser feito em termos de intercâmbio acadêmico em história do pensamento geográfico, pensando não apenas no Brasil e na América Latina, mas também em outros países. Este número de Terra Brasilis pretende contribuir neste sentido, colocando em prática um primeiro esforço de aproximação.
- 16 Finalmente, resta agradecer aos autores pela paciência e gentileza com que atenderam às solicitações dos editores, acrescentando aos textos imagens e notas que facilitassem a compreensão de certos episódios históricos de seus países pelos leitores brasileiros. O relativo desconhecimento das realidades latino-americanas, por parte destes, é um fato ainda presente, mas que de forma alguma reflete uma falta de interesse pelo continente. A história do saber geográfico, contada a partir da trajetória de alguns personagens e instituições, pode abrir um caminho frutífero para que este interesse encontre sua realização.

BIBLIOGRAFIA

- CAPEL, Horacio (1977). "Institucionalización de la Geografía y estrategias de la comunidad científica de los geógrafos" in *Geo-Critica* 8-9.
- _____. (1981). *Filosofia y ciencia en la geografía contemporánea. Una introducción. a la geografía.* Barcelona, Barcanova,.
- _____. (1993). "El asociacionismo científico en Iberoamerica. La necesidad de un enfoque globalizador" in LAFUENTE, A. et alli. (orgs.). *Mundialización de la ciencia y cultura nacional.* Madrid, Doce Calles, pp. 409-28.
- DOMINGUES, Heloísa B. (2000). "A geografia e o exótico brasileiro" in *Terra Brasilis* ano I n° 2, pp. 93-110.
- ESCOLAR, Marcelo (1996). *Crítica do discurso geográfico.* São Paulo, Hucitec.
- MACHADO, Lia (1995). "Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem" in CASTRO, I. E. et alii (orgs.) *Geografia: Conceitos e Temas.* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, pp. 309-49.
- _____. (2000). "As idéias no lugar: o desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil no início do século XX" in *Terra Hrasilis* ano I n° 2, pp. 11-31.
- SAID, Edward (1978). *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente.* São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- ZUSMAN, Perla B. e PEREIRA, Sergio Nunes (2000). "Entre a ciência e a política: um olhar sobre a geografia de Delgado de Cravalho" in *Terra Brasilis* ano I n° 1, pp. 52-82.

Nº3.2001

NOTAS

1. Neste sentido, ver Perla Zusman e Sergio Nunes Pereira, (2000), que consideram a existência de âmbitos de institucionalização anteriores a 1930; e também Heloísa Bertol Domingues (2000), que não se furta em falar na institucionalização de saberes como a geografia e a etnografia no século XIX, já que os mesmos haviam adquirido o status de "seções" em instituições e comissões científicas criadas na época imperial.
 2. George Nathaniel Curzon era presidente da Royal Geographical Society e um entusiasta de prestígio angariado pela geografia nos círculos intelectuais e junto à opinião pública em geral.
-

AUTOR

SERGIO NUNES PEREIRA

Departamento de Geografia, Universidade Federal Fluminense.
snunes22@hotmail.com